

O SORRISO E A ESTÉTICA DA LUZ DE PLOTINO

Maria Ângela Coelho Mirault

Um verdadeiro cataclismo interno. Uma forte e irresistível contração da musculatura facial desencadeando a excitação e aceleração das glândulas lacrimais e salivares, enquanto os músculos do resto do corpo se relaxam e o cérebro produz endorfina -a morfina natural com maior capacidade de aliviar dores, dando origem a euforia- é assim que os especialistas definem o ato de sorrir, já que durante o riso, todas as glândulas se excitam e segregam humores e líquidos em quantidade maior que a de costume. Ao circular pelo corpo, essas substâncias dão uma sensação de descanso e bem-estar. Sem dúvida, visto assim pelas reações orgânicas que desencadeiam, o riso já pode ser considerado um *misterioso atributo do corpo humano*. Embora sejam dotados da musculatura necessária para rir, os outros mamíferos não manifestam essa capacidade, já que para rir é preciso o sentido do humor de que só o homem é capaz.

O SORRISO, UM ATO COMUNICATIVO

Sorrir não é simples fenômeno orgânico, é também ato comunicativo. É signo de significado estético. É manifestação interior exteriorizada sob a forma de mensagem estética, pela qual os significantes adquirem significados apropriados só pelo interagir contextual. Ao rir, cada pessoa produz gestos, sons variados com profundas características pessoais. É, portanto, idioleto-código individual de um único falante como define Umberto Eco, já que não há dois sorrisos que se assemelhem em toda a diversidade de sorrisos, variante em cada indivíduo que o expressa. Segundo alguns

estudiosos, “*é um remédio infalível capaz de eliminar a ansiedade, espantar o medo afastar o drama*”.

Etólogos chegam a distinguir tipos de risos, decodificando claramente o riso normal do riso explosivo, assim também como indicam uma forma fingida de rir e o riso descontrolado, até desequilibrado e metalingüístico por si mesmo. O riso, porém, não é código de simples emissão, funciona também como retorno no ato comunicado.

Enquanto mensagem estética, o riso pode desempenhar variadas funções. É metalinguagem quando chama a atenção para si próprio. Tem função fática quando objetiva suscitar emoções e tem a pretensão de confirmar o ato comunicativo. Tem função emotiva quando seu objetivo visa despertar reações emocionais, assim como a função referencial quando se remete à realidade cultural dos interlocutores.

A ESTÉTICA DA LUZ

As questões relativas à estética tiveram sua origem no mundo grego, através do pensamento de Platão, especificamente. Sua obra registra a primeira teoria da arte e do belo. Platão foi o primeiro a conceber a existência da precedência das coisas materiais num mundo idealizado, antes do mundo corporificado. Para ele, há uma origem - a essência das coisas - que não está nas coisas. Há uma anterioridade que precede e preside toda a manifestação da vida material tal como a concebemos. Pelo intelecto intuímos essa origem. Já que a realidade nos é conhecida, basta-nos que a reconheçamos. Reconhecer, então, é a ação humana conseqüente, ao contrário do que concebe Aristóteles, que declina à observação do objeto como forma de abstração, para que se alcançando as causas, com elas se alcance por sua vez a Natureza verdadeira das coisas.

INDIVIDUALIDADES ETERNAS

A alma, imortal na concepção platônica, é “*uma viajante que dorme cada noite em nova hospedaria*”. Através das vidas sucessivas, transfere conhecimentos em reconhecimentos, em busca da felicidade, da perfeição e da identidade verdadeira no Mundo das Idéias. Sucessivos cenários para uma única e imortal vida, objetivando o aperfeiçoamento da alma e a identidade Maior.

Para a teoria platônica, todos os homens desejam a felicidade, que por sua vez é um estado sadio da alma, alcançado pelas virtudes, que devem se constituir no objeto de desejo da alma enquanto encarnada, já que o mal é ausência do bem e a infelicidade fruto da ignorância. Por que desconhecem sua destinação suprema, algumas almas demoram-se na infelicidade, o que caracteriza momentânea a circunstancial a doença da alma.

Os neoplatônicos, dos quais Plotino é a máxima representação, desenvolvem e ampliam a teoria das idéias de Platão, afirmando que todas as coisas têm sua identidade nas idéias imutáveis e o conhecimento nada mais é do que o reconhecimento essencial das coisas e não mera abstração da observação de suas qualidades. Os mais radicais acreditam que apenas as idéias existem no Uno, o Só, e essa idéia emana e transborda como Luz, significando a razão divina. Plotino divide em três os níveis dessa luz. O primeiro nível é o mais brilhante, significando a pura razão do Uno. O segundo nível, mais sombrio e menos real, caracteriza o mundo das almas. No terceiro nível, a escuridão é quase absoluta, é o mundo inferior, onde habitam corpos e formas materiais. Nele, as almas têm desejo de retornar ao primeiro nível, aprisionadas numa saudade pressentida (recordada) do “Paraíso Perdido”.

Para Plotino, cada alma descende a um corpo feito para recebê-lo e conforme sua própria disposição interior. “*Cada uma passa ao*

corpo com o qual tem maior semelhança: esta à de um homem, aquela ao de um animal, cada qual ao seu”, identificando com a proposição de Platão, pois considera que “*cada alma elege uma vida conforme suas vidas anteriores*”.

Há, portanto, uma causa primeira para todas as coisas, unidade perfeita, absoluta, subsistente a tudo e a tudo origina; cria, e sua emanção transborda em toda a sua criação. As almas têm sua origem na unidade perfeita do princípio primeiro, trazendo em si o germe do bem e do belo. Plotino identifica o caminho de volta à luz dessa expressão de sombra, onde se manifesta a alma encarnada. Para ele, há na matéria uma contemplação mínima e escura que se inclina em direção ao Ser supremo (essência original do Uno em cada alma). É esse caminho de volta à luz que todas as almas têm como finalidade alcançar. Deus para Plotino é mais íntimo à alma que ela própria. O êxtase plotiniano assegura que a alma percebe-se sua natureza, porque conhece primeiro a sua própria substância e, uma vez unificada em si própria, reconhece subsequente a presença de Deus em si e em todas as coisas. Pelo estado de êxtase, identifica Deus em si própria (alma).

Pela transmigração da alma em várias existências, termina por alcançar a regeneração e o autoconhecimento necessário para identificar-se com Deus, pois sua meta é a contemplação do Uno. Para identificar-se com Ele, necessita praticar as virtudes, diferenciando-se cada vez mais do mundo das sombras, privando-se dos prazeres do mundo sensível para aproximar-se da luz.

Uma simbiose com o Um, tal é a destinação humana para a Luz, a Felicidade e União com Deus, com o Bem e o Belo. “*Vós sois deuses; Eu e o Pai somos Um; Vós sois a luz do mundo*” foram códigos sinalizadores dessa destinação e dessa trajetória, reafirmadas pelo Messias. A mensagem cristã registrada no Sermão da Montanha por Mateus se afinizam com a proposição plotiniana. Em Mateus 5:14-16, Jesus assim fala à alma imortal: “*Não se pode esconder*

uma cidade situada sobre um monte. Nem se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas sobre o velador, a fim de que a dê luz a todos os que estão sem casa. Assim, brilhe a vossa luz diante dos homens; que eles vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso pai que está nos céus". Os seguidores do Cristo, por serem "*a luz do mundo*", devem constituir-se em veículos da revelação divina a todos os povos e nações. Bela identidade a proposição de Plotino. A luz não conhece fronteiras, vence a sombra e resplandece de qualquer escuridão, por isso o mal não é concebido como mal, mas como estágio anterior ao bem, e portanto ausência de luz. Daí a necessidade em fazê-lo brilhar.

SORRISO: LUZ DA ALMA

Essa luz que habita cada criatura, porque emanada do princípio primeiro, pode ser sinalizada, transbordante da sombra material ao qual está mergulhada através do simples ato de sorrir. Ato este que se complementa no olhar-canal complementar do ato comunicativo de sorrir-iluminando todo o ser. Janela da alma, o sorriso se expressa antes nos olhos para imediatamente derramar-se na boca, pela contração dos músculos e o desencadeamento orgânico de glândulas, gerando o bem estar físico. Mas não qualquer sorriso, ou qualquer rictos que se assemelhem. Dizem os pesquisadores que "*alguns doentes mentais riem de maneira descontrolada em situações onde não caberia rir, inclusive situações de dor e tristeza*". Paul Elkamam, professor psicologia da Universidade da Califórnia e especialista em emoções humanas, analisou em detalhe o riso fingido, considerando-o hipócrita e dissimulado. Segundo o estudioso, quem ri sem fazer rugas no canto dos olhos é pouco confiável, denotando essa forma de rir como algo falso.

Estão nos olhos a manifestação estética da luz que contempla

a alma. Através do sorriso-luz, o Bem e o Belo encontram sua manifestação, clareando todas as ambigüidades, transformando o feio em bonito, o triste em alegre, o medo em coragem. Mas, para derramar-se em luz, primeiro nasceu na alma que deixa antever o pouco dessa luz que oculta em si.

Nesse ato singular de comunicação, as almas podem ser capazes de reconhecerem-se em sua origem, apropriando-se de sua destinação configurada pelos neoplatônicos. Sem a utilização desse atributo generoso e misterioso da manifestação humana, a sombra espessa da matéria revelará a enfermidade provisória da alma e um homem mais temeroso e distante da felicidade, longe também de sua origem e da simbiose predestinada com o seu criador.

BIBLIOGRAFIA

JERPHAGNON, Lucien. *Histórias das grandes filosofias*. São Paulo : Martins Fontes, 1992.

DURANT, Will. A história da filosofia. *Os Pensadores*, Rio de Janeiro : Nova Cultural, s/d.

GAARDER, Jostein. *O mundo de Sofia*. Tradução Azenha Júnior. São Paulo : Cia. das Letras, 1996.

REVISTA “ISTO É”, nº 1393. São Paulo : Editora Três, 12 de junho de 1996.